

Do inobjeto.

A nossa circunstancia era composta, ainda recentemente, de objetos. De casas e moveis, de maquinas e veiculos, de roupas e sapatos, de livros e quadros, de latas e garrafas. Havia, naquele tempo, gente em nosso torno, mas as ciencias "humanas" tinham objetivado tal gente. Ficou tao calculavel e manipulavel como qualquer outro objeto. A circunstancia toda era objetiva. Querer orientar-se em tal circunstancia era distinguir entre objetos. Por exemplo: entre os objetos da natureza e os da cultura. A roseira contra a parede da minha casa sera objeto natural, por crescer, e por ser assunto da botanica, essa ciencia da natureza? Ou sera objeto artificial, por ter sido plantada por jardineiro em obediencia a determinado modelo estetico? E minha casa sera objeto artificial, por ser a arquitetura uma "arte"? Ou sera ela objeto natural, por ser "natural" que homens facam casas, como passaros fazem ninhos? A distincao entre natureza e cultura e duvidosa. Igualmente duvidoso e nao importa que outro criterio para distinguirmos objetos. Por exemplo: distinguir entre objetos intransportaveis e transportaveis, "imoveis" e "moveis". Paiz parece ser objeto imovel, mas a Polonia foi transportada rumo ao Oeste. Camas parecem ser moveis, mas minha cama e mais estavel que a Polonia. Todo catalogo de objetos tera inexactidoes e lacunas. Nao e facil o conhecimento objetivo.

No entanto, sob retrospectiva, viver em circunstancia objetiva era viver vida confortavel. Havia, por certo, dificuldades "epistemologicas", mas sabia-se, mais ou menos, como levar a vida. Viver e caminhar rumo a morte. Em circunstancia objetiva tal caminhar esbarra contra objetos. Os objetos que barram caminho eram chamados "problemas". Viver era limpar o caminho, resolver problemas. De duas maneiras. Manipulando o problema para que fique docil, (a isto se chamava "producao de objetos"). Ou saltando por cima do problema, (a isto se chamava "progresso"). Havia problemas que nao permitiam nem serem manipulados, nem saltados. A isto se chamava "as ultimas coisas". Ao encontrar tais problemas insoluveis, tais ultimas coisas, a gente morria. Era isto viver: resolver problemas, (emancipar-se das condicoes), ate esbarrar contra essa ultima coisa que e a morte. Isto e confortavel: sabe-se a que se ater, a "dureza das coisas".

Infelizmente, tudo isto nao vale mais atualmente. Inobjetos estao penetrando a circunstancia, e estao empurrando os objetos rumo ao horizonte. "Informacoes" e o nome de tais inobjetos. O que acabo dizer parece besteira. Sempre havia informacoes no nosso mundo. E, conforme o termo "in-formacao", trata-se de "formacao em" objetos. Todo objeto contem informacao, seja livro ou quadro, seja lata ou garrafa. Para trazer a informacao a tona, basta decifrar o objeto. Nada de novo, portanto.

Como acontece sempre, tal objecao da senso comum, aparentemente razoavel, e falsa. As informacoes atuais que penetram a nossa circunstancia para desalojar os objetos sao de tipo novo. As imagens electronicas nas telas TV, os dados contidos em computadores, os microfimes e hologramas, e todos estes programas e modelos, sao a tal ponto "moles", (software), que escapam entre os dedos. Sao "inconcebiveis" no significado literal do termo. E erro chama-los "objetos. Sao inobjetos.

Por certo: as novas informacoes se apoiam sobre objetos, como o fazem as antigas: sobre valvulas catodicas, sobre chips, sobre raios. Mas quem quizer ori-

entar-se na nova circunstancia que esta surgindo, pode desprezar tal suporte. A prova disto e que o suporte, (a hardware), esta ficando sempre mais barata, e a informacao mesma, (a software), sempre mais cara. Os ultimos restos de objetividade que ainda aderem aos novos inobjetos, sao despreziveis. A circunstancia esta se tornando sempre mais mole, mais nebulosa, menos palpavel. E tal carater espectral do corajoso mundo novo e o ponto de partida para todo e qualquer ensaio para orientarmo-nos nele.

Alias, estamos, todos, compenetrados disto. O nosso interesse vital vai se deslocando. Sao as informacoes, nao os objetos, que queremos. Nos paizes ditos "desenvolvidos" fazem-se greves, nao para obter mais objetos, (mais um par de sapatos, mais uma cadeira), mas para obter mais informacao, (mais uma viagem de ferias, mais uma escola para os filhos). Os objetos vao retrocedendo do campo do interesse. Simultaneamente, vai se deslocando a atividade da sociedade. Os proletarios, estes fazedores de objetos, vao formando minoria, e os funcionarios e outros "empregados no setor terciario", estes fazedores de inobjetos, vao formando a maioria da sociedade. Em outros termos: a moral burguesa, (producao, propriedade e consumo de objetos), vai cedendo a outra.

Nao que os objetos estejam rareando. Pelo contrario, verdadeira mare alta de gadgets esta inundando a cena. Mas tal mare prova que os objetos estao se tornando despreziveis. Todas essas canetas, esses isqueiros, esses aparelhos de barbear, essas garrafas plasticas, distribuidos a preco vil para serem jogados fora, sao falsos objetos: nao e possivel ater-se a eles. E, na medida em que estamos aprendendo sempre melhor a programar automatizados a cuspirem tais gadgets, todos os objetos vao se transformar em gadgets, inclusive casas e quadros. Quem sabe, inclusive a gente? Todos os objetos, sem excepcao, vao se tornando baratos, vao perdendo valor, e o valor vai se transferindo sobre as informacoes, esses inobjetos. "Transvaloracao de todos os valores".

Diga-se de passagem que isto e a essencia do novo imperialismo. Quem decide e impera e o detentor das informacoes, (dos programas de usinas atomicas e de armas atomicas, dos modelos das operacoes geneticas, dos aparelhos administrativos). Tais informacoes sao vendidas, a precos exorbitantes, e o resto da humanidade, mero detentor de objetos como o sao as materias primas, nao pode senao submeter-se. O que vale e a informacao, o resto e desprezivel.

Tal deslocamento dos objetos para o horizonte do interesse, e tal fixacao do interesse sobre os inobjetos, nao tem paralelo na historia da humanidade. Isto e sumamente incomodo: como, sem termos exemplos, imaginar como sera a vida de quem manipula informacoes, codigos, simbolos, modelos, e quem despreza objetos? Que tipo de gente sera ele? Que tipo de vida sera esta? Para facilitar a tarefa, forcemos um paralelo: a primeira revolucao industrial, de memoria bendita.

Dizia-se, na epoca, que um camponez de 1750 d.C. se parecia mais com um camponez de 1750 a.C. que com o operario de 1780 d.C., seu filho. Tamanha a transformacao que a industria introduziu. Atualmente, podemos afirmar o mesmo. Nossa vida se assemelha mais a do operario e do burgues da Revolucao franceza

que a vida dos nossos filhos, os que brincam com jogos eletronicos e com computadores. Tamanha a transformacao que a moleza das informacoes introduziu. Por certo: tal comparacao com a Primeira Revolucao nao vai tornar a nossa situacao mais comoda, mas ajudara-nos a tomarmos distancia dos eventos.

Ajudara a compreendermos que viver entre os objetos, e ater-se a eles, nao e a unica maneira "razoavel" de viver-se. O homem pre-industrial vivia entre seres animados: vacas, plantas, camponeses, artesoes, senhores. A Revolucao industrial substituiu tais seres por objetos: maquinas, produtos, massa operaria, capital, mercado. De maneira que a nossa "objetividade" e coisa recente. E nao e coisa tao extraordinariamente satisfatoria, como o acreditavam ainda o nossos pais otimistas. Ha sociedades no Terceiro mundo que recusam, com boas razoes, nossa forma de vida. Agora, quem a recusa tambem sao nossos proprios filhos. Tal distancia nos permite de pelo menos tentarmos imaginar essa vida "alternativa", a vida com inobjetos.

O novo homem, tal como esta surgindo em nosso torno e em nosso proprio intimo, sera ser sem maos, ser de maos atrofiadas. Nao manipulara objetos. Nao "trabalhara", nao tera "praxis". O que restara das maos serao as pontas dos dedos. Com elas o novo homem movimentara teclas. Afim de compor, decompor e recompor simbolos em sistemas informativos. O novo homem nao sera ator; nao havera mais nem ato, nem acao, nem atividade. Sera jogador; havera estrategia, projeto, programa. Em vez de agir, o novo homem decidira. "Homo ludens", nao mais "homo faber". A sua vida nao mais sera "drama", mas sera "espetaculo". O proposito da vida nao mais sera fazer e ter, mas conhecer, vivenciar e gozar. Como o novo homem estara desinteressado nos objetos, nao tera problemas. Em vez de problemas, tera ele pro-gramas. Vivera, nao para resolver problemas, mas para bolar programas. Visao fantastica, esta, mas que ja esta se realizando.

No entanto, nao tao fantastica como o parece ser a primeira vista. O novo homem, por mais novo que seja, ainda sera homem. Morrera, ele tambem, e sabera disto. A irrupcao dos inobjetos, por revolucionaria que seja, nao modificara este dado fundamental da existencia humana. O de caminharmos para a morte. E sob tal perspectiva pouco importa se a morte for concebida como "ultima coisa" ou como inobjeto. A vida futura, por espectral que pareca ser, ainda sera vida humana. De modo que, se nao precisamos adorar os inobjetos que se precipitam sobre nos, taopouco precisamos recea-los sobremedida. Ajudarao, eles tambem, como o faziam os objetos, a tapar a morte.

Do inobjeto II.

Desde que o homem é homem, manipula o mundo. É a mão, com seu polegar contra-posto, que caracteriza a existencia humana. Gracias a tal orgão curioso, especificamente humano, o mundo vai sendo apreendido. E não apenas apreendido: a mão apreende o mundo sob forma de objetos, que vai aproximar do corpo, afim de transforma-los. A mão informa os objetos apreendidos. Destarte surjem dois mundos em torno do homem: o da "natureza, o das coisas apreensíveis; e o da "cultura", o das coisas informadas. Ainda recentemente, prevalecia a crença que "historia" é processo pelo qual a mão vai transformando progressivamente natureza em cultura. Tal crença no progresso vai sendo abandonada atualmente. Está se tornando penosamente obvio que a mão não larga os objetos informados, mas que continua a manusea-los ate que se gaste a informação armazenada neles. A mão consome a cultura, e a degrada em lixo. Não são portanto dois, mas tres, os mundos que cercam o homem: natureza, cultura, e lixo. E o lixo passa a ser interessante: ciencias como a ecologia, a arqueologia, a etimologia ou a psicanalise passam a analisa-lo. E verificam que o lixo tende a voltar a natureza. A historia não pode pois ser reta que aponta da natureza rumo a cultura. É circulo que gira da natureza, passando pela cultura e pelo lixo, para voltar a natureza e retomar o caminho. Circulo vicioso.

Para poder saltar de tal circo, seria necessario dispor-se de informacoes indeleveis, inolvidaveis. Informacoes que não possam ser manuseadas. Mas como fazer-lo? A mão manuseia todos os objetos ao seu alcance, afim de apreende-los. Seria preciso dispor-se de informacoes nao-objetivas. Dispor-se de cultura inobjetiva. Se conseguissemos eliminar o esquecimento da cultura, e estabelecer memoria inobjetiva progressivamente acumuladora, ai sim a historia seria linearmente progressiva. Somos atualmente testemunhas da tentativa de estabelecimento de tal cultura inobjetiva. As memorias de computadores são disto exemplo.

A memoria de computador é inobjeto. Inobjetos são as imagens electronicas e os hologramas. São inobjetos, porque a mão não pode agarrá-los. Inobjetos, porque indeleveis. Por certo: tais inobjetos estão, provisoriamente, sendo sustentados por objetos: chips de silicio, tubos catodicos, raios de laser. Mas o "Jogo com perolas de vidro" de Hesse e outras futurologias permitem imaginarmos a emancipação dos inobjetos com relação aos objetos. A emancipação da software do suporte hardware. De resto, nem precisamos recorrer a fantasia futurologica: a crescente inobjetividade e moleza da cultura é, desde já, experiencia quotidiana. Os objetos em nosso torno vão encolhendo, ("miniaturização"), e os inobjetos vão inchando, ("informatica"). Pois tais inobjetos são simultaneamente fugazes e eternos. Fugazes, porque escapam a mão, e eternos, porque indeleveis.

Em tal circunstancia inobjetiva a mão não tem mais vez: nada há para ela que possa ser apreendido e manipulado. A mão ficou superflua, porque ficou superflua toda ação apreendedora e manipuladora. A tarefa de apreender e manipular, ainda indispensavel em tal situacao nao-objetiva, fica relegada sobre aparelhos informados para tanto: inteligencias artificiais e robos. O homem ficou emancipado do trabalho de aprendizagem e manipulacao: ficou desempregado. O desemprego atual é sintoma da superacao de trabalho em situacao nao-objetiva.

As maos, superfluas, vao atrofiando. Mas nao as pontas dos dedos. Estas vao ficando os orgaos mais importantes. Em situacao nao-objetiva, viver passa a ser criar informacoes nao-objetivas, e goza-las. Criar informacoes e permutar simbolos, brincar com eles. E gozar informacoes e contemplar simbolos, expor-se a eles. Viver significa "programar" e "ser programado". Pois para programar, para brincar com simbolos, e preciso movimentar teclas. O mesmo e necessario para poder-se gozar programas. Teclas sao instrumentos que permutam simbolos, e que fazem com que simbolos aparecam. Exemplos: maquina de escrever, piano. Pois as teclas sao feitas para que sejam pressionadas pelas pontas dos dedos. O homem do futuro nao-objetivo vivera graças as pontas dos dedos.

Urge perguntar-se pelo significado existencial da pressao sobre teclas. Que acontece quando aperto tecla da maquina de escrever, do piano, do aparelho TV, do telefone? Que acontece quando o fotografo aperta o botao da maquina, o presidente dos Estados Unidos o botao vermelho? Ao aperta-la, escolho determinada tecla, decido-me por ela. Decido-me por determinada letra da maquina de escrever, determinado som do piano, determinado programa TV, determinado numero de telefone. O fotografo decide-se por determinada fotografia, o presidente americano por determinada guerra. As pontas dos dedos sao os orgaos da escolha e da decisao: "votam". O homem se emancipa do trabalho afim de poder escolher e decidir-se "livremente". Viver em situacao nao-objetiva sera votar permanentemente.

Mas tal liberdade da decisao de um homem privado de maos e munido de pontas de dedos e curiosa. Quando aponto revolver contra mim proprio e aperto o gatilho, recubro a maxima liberdade: escolho a morte que me emancipa de toda coacao: tomo a decisao decisiva. No entanto, ao apertar o gatilho, desengato processo programado no revolver. A minha decisao decisiva se deu dentro dos limites do programa do revolver. E todas as minhas demais decisoes se dao dentro dos limites do programa da maquina de escrever, do piano, do aparelho TV e telefonico, do programa da maquina fotografico, do programa do estabelecimento americano. A liberdade das pontas dos dedos se revela liberdade programada. Voto em obediencia a programas.

Parece pois que a sociedade do futuro nao-objetivo sera dividida em duas classes: na dos programadores, e na dos programados. Na classe dos que criam programas, e na classe dos que se comportam segundo programa. Na classe dos que brincam com fios, e na classe dos fantoches. Erro. Os programadores, eles tambem, apertam teclas ao escolherem os simbolos do programa que criam. Os programadores, eles tambem, tomam as suas decisoes nos limites de um programa, de um "meta-programa". E os que programam o metaprograma, decidem-se nos limites de um meta-metaprograma. Tal regressao de meta-em meta-, de programador para programador de programador, e regressao infinita. A sociedade do futuro sera sociedade sem classe: a dos programadores programados. Sera totalitarismo programado.

Porem totalitarismo gostoso. Os programas vao se aperfeicoando. Conte-rao numero astronomico de teclas. Jamais as pontas dos dedos vao poder aperta-las a todas. Jamais os limites dos programas poderao ser alcancados. Os programas excederao a capacidade humana decisitoria, e o homem futuro tomara suas decisoes

por ilimitadamente livres. Uma vez estabelecido o totalitarismo programado, passara a ser imperceptível. E perceptível apenas atualmente, no estágio embrional no qual se encontra ainda. Somos talvez a última geração dos que são capazes de perceber o futuro não-objetivo que se prepara.

Somos ainda capazes para fazê-lo, porque dispomos ainda, e provisoriamente, de mãos aptas a apreender objetos. Por isto somos capazes de perceber que o futuro não-objetivo que se aproxima não é apreensível. Somos capazes de perceber nossa incapacidade de apreender o futuro. Tal incapacidade nossa será sintoma de sermos "homens ultrapassados", homens do passado? Homens condenados a não poder participar de um futuro glorioso? Porque sociedade emancipada do trabalho, e para a decisão ilimitadamente livre, não será sociedade sonhada por todas as utopias? O futuro que se aproxima, este futuro para nós inapreensível, não será a "plenitude dos tempos"? A nossa vontade de agir não será consequência de um atavismo: o de sermos ainda munidos de mãos, estes órgãos arcaicos destinados a atrofiarem? Para podermos responder a tais perguntas, seria necessário analisarmos mais de perto o conceito de "programa", que é o conceito fundamental do presente e do futuro imediato.